

História oral em arquivo digital: reflexões sobre práticas de história pública na trajetória da ABHO

Ulisses M. R. Franco¹

Resumo

O Arquivo Histórico-Digital da Associação Brasileira de História Oral (ABHO) é resultado de debates iniciados em 2020 pelo Grupo de Trabalho “Memória da ABHO”. Atualmente, em 2025, sua implementação como repositório digital está sendo viabilizada pela parceria entre a presidência da associação e o Centro de Memória Urbana da Universidade Federal de São Paulo (CMUrb-Unifesp). O projeto busca prospectar, digitalizar, catalogar e disponibilizar documentos relativos à trajetória da ABHO, desde sua fundação em 1994, e à memória da prática da história oral no Brasil. O objetivo desta comunicação é relatar as atividades no Arquivo e propor uma reflexão sobre como alguns documentos registram certas práticas de comunicação institucional da associação ao longo de sua trajetória. Na aproximação entre história pública, história oral e história digital, interessa refletir sobre como esses materiais, agora disponibilizados como documentos digitais, podem ser avaliados como projetos de divulgação científica ou exemplos de comunicação acadêmica da associação, aprofundando o debate sobre as similaridades e diferenças entre essas duas práticas no âmbito da história pública. O acervo reúne registros bancários e administrativos, notícias de atividades de associados e da presidência, cartazes e pôsteres de eventos, além de cadernos de programação, resumos e anais de Encontros Nacionais e Regionais de História Oral. Considerando o processamento realizado no Arquivo para sua disponibilização como plataforma virtual colaborativa, o foco será debater sobre documentos já integrados que registram escolhas editoriais dos associados da ABHO em suas comunicações para públicos acadêmicos e/ou para a sociedade em geral. Os *Boletins História Oral*, publicados na segunda metade da década de 1990, por exemplo, registram contatos de núcleos e grupos de pesquisa, endereços postais e e-mails, evidenciando uma rede acadêmica em formação. Pôsteres de núcleos associados da década de 2000 já indicam websites como complemento de informações, sinalizando uma transição para práticas digitais. Em anos recentes, publicações da própria associação em redes sociais ampliaram os canais de divulgação, incorporando novas linguagens e públicos. Portanto, analisar esses exemplos permite pensar como a ABHO, enquanto associação acadêmica, desenvolveu estratégias de comunicação institucional que podemos avaliar como mais próximas ou menos próximas de públicos diversos, ou seja, direcionada para a comunicação acadêmica, aquela que favorece o contato entre pesquisadores, redes e instituições integrantes do campo científico, ou para a divulgação científica, produzindo mensagens para públicos não acadêmicos sobre resultados de pesquisa ou debates científicos (com as devidas transformações de forma e conteúdo). De maneira geral, enquanto registram a memória institucional, os documentos evidenciam como as práticas de comunicação acompanharam transformações tecnológicas e editoriais contemporâneas à consolidação do campo da história oral no país (Santhiago, 2013), historicizando também as relações entre seus praticantes e a sociedade. As escolhas editoriais registradas nos documentos propõem diferentes modos de organizar e tornar

¹ Mestrando em Estudos Culturais na EACH-USP e pesquisador-documentalista com bolsa do Centro de Memória Urbana da Unifesp. Graduado em História pela FFLCH-USP.

públicos os debates da história oral no Brasil, logo, são caminho para debater propostas e questões que a prática da história oral e da divulgação científica nos colocam atualmente.

Palavras-chave

História oral; História pública; Arquivo digital; Comunicação acadêmica; Divulgação científica.

Introdução

As reflexões apresentadas nesta comunicação têm como ponto de partida o contexto de transformações nas formas de produção e troca de informações trazidas pelas tecnologias digitais, pelas políticas de incentivo à pesquisa científica e de acesso ao ensino superior no Brasil, além do crescente debate sobre a importância da memória coletiva e da constituição de acervos comunitários. Nesse contexto, a metodologia da história oral e a trajetória da Associação Brasileira de História Oral (ABHO), fundada em 1994, constituem caso privilegiado para pensar sobre práticas de história pública e suas relações com decisões editoriais e estratégias de comunicação institucional, especialmente porque essa metodologia se desenvolveu em estreita articulação com a produção cultural, as comunicações e diferentes agendas de intervenção no debate público do país desde sua consolidação e institucionalização em 1994 (Santhiago, 2013). Nesse sentido, concordamos com a argumentação de Shopes (2016, p. 71), de que a história oral pode ser entendida como um protótipo para a história pública.

O objetivo deste texto é apresentar o Arquivo Histórico Digital da ABHO e analisar de que forma alguns dos itens em processamento arquivístico permitem refletir sobre estratégias de comunicação utilizadas pela Associação ao longo de seus mais de trinta anos de existência. Ao mapear essas estratégias, interessa demonstrar que a trajetória comunicacional da ABHO é recheada de tensões próprias do processo de institucionalização e busca por consolidação de um campo científico (Santhiago, 2013), o que consequentemente vem estabelecendo possibilidades e limites da história oral enquanto prática de história pública no Brasil. Dessa forma, interessa aproximar a análise de certas escolhas editoriais definidas e materializadas nos documentos selecionados do Arquivo da ABHO e os debates da história pública em sua interface com as comunicações, especialmente aquela que acontece entre pares do campo científico – a comunicação acadêmica –, e aquela que se desenvolve deste em direção a públicos não específicos (gênericos) e necessariamente apartados do conhecimento especializado – a divulgação científica.

Esta reflexão é derivada de um projeto em desenvolvimento, resultante da atuação como pesquisador-documentalista no Arquivo da ABHO desde junho de 2025, quando a implementação do projeto enfim se efetivou. Portanto, considerando que o arquivo ainda está em construção, as análises apresentadas são necessariamente provisórias e poderão ser revisadas à medida que novos itens forem incorporados ao acervo e as pesquisas avançarem. Ainda assim, acreditamos que os itens já disponíveis oferecem elementos importantes para a reflexão proposta. Esse é um arquivo digital que vem se estruturando a partir de doações voluntárias de praticantes de história oral no Brasil – a quem agradecemos profundamente pela confiança e pela colaboração. É um projeto coletivo que só tem se tornado possível institucionalmente a partir da parceria entre a ABHO e o Centro de Memória Urbana da Universidade Federal de São Paulo (CMUrb–Unifesp), sob coordenação de Joana Barros e Ricardo Santiago².

Este texto está estruturado da seguinte forma: primeiro, um relato do processo de constituição do Arquivo Histórico Digital da ABHO e uma apresentação panorâmica de suas coleções; em seguida apresentamos alguns documentos selecionados que possibilitam verificar escolhas editoriais e a materialização de estratégias de comunicação da Associação que levantam questões para a prática da história pública na trajetória da ABHO.

Constituição e coleções do Arquivo Histórico Digital da ABHO

A proposta de composição de um acervo sistematizado com o tema Memória da História Oral no Brasil surgiu a partir de debates e atividades realizadas durante a gestão 2020-2022 da ABHO. Naquele momento, a partir das experiências acumuladas no Fórum de Coletivos de História Oral, alguns associados mobilizaram-se propondo que a Associação não deveria ter somente a finalidade de publicar o periódico acadêmico *História Oral* e realizar os encontros regionais e nacionais da área, mas que poderia e deveria também engajar-se em atividades de maior intervenção no campo científico e na sociedade brasileira de forma ampla a partir de seus temas de interesse. Para que isso fosse possível, novas redes de colaboração e contato foram estabelecidas no âmbito da Associação e algumas atividades passaram a ser desenvolvidas. Assim, em 2020, surgiram os Grupos de Trabalho (GT) da ABHO, inicialmente com os seguintes temas: GT de Ética em Pesquisa; GT dos Coletivos de História Oral e GT Memória da ABHO.

² Para mais informações sobre o CMUrb, vf. <https://www.centrodememoriaurbana.org/>. Acesso em: 10 dez. 2025.

No momento das primeiras articulações do GT Memória, ainda na gestão 2020-2022, os integrantes eram: Marieta de Moraes Ferreira, Alice Beatriz da Silva Gordo Lang, Marcos Montysuma, Roseli Boschilia e Glauber Biazo. O principal objetivo do grupo era produzir um balanço das atividades da Associação e planejar as comemorações de seu trigésimo aniversário de fundação, a ser realizado no ano de 2024. Assim, naquele momento, foram dados os primeiros passos para recolher materiais que pudessem orientar e auxiliar nessa atividade. Com o desenrolar das atividades, o GT reuniu-se periodicamente até 2022 e passou a articular a criação de um arquivo digital da memória da Associação. Entre as principais questões levantadas naquele momento acerca do formato, da proposta e do objetivo desse projeto estão: que tipo de material coletar para compor um arquivo da memória da ABHO?; onde depositar os materiais recolhidos?; como disponibilizar o acervo para consulta pública?; tratando-se de um arquivo digital, qual plataforma utilizar?

Após a realização do XVI Encontro Nacional de História Oral, em 2022, e o amadurecimento dos debates e propostas do GT Memória, a nova gestão da Associação pôde contratar um programador e pagar pela criação de um site em plataforma WordPress para instalar o acervo on-line. Com isso, o plug-in gratuito e de código aberto para gerenciamento de arquivos digitais Tainacan foi escolhido para o arquivamento dos materiais recolhidos pelo GT Memória por se tratar de software que permite o gerenciamento de acervos de forma totalmente virtual, coletiva e com a possibilidade de envio (upload) de arquivos por colaboradores externos. Apesar dos esforços empreendidos naquele momento, não foi possível contratar um servidor para arquivar e disponibilizar os materiais já reunidos.

Ao longo da gestão 2022-2024 da ABHO, as atividades do GT Memória continuaram e a associada Joana Barros, coordenadora do CMUrb-Unifesp, passou a compor o grupo. Ela e Ricardo Santhiago foram os responsáveis por intermediar o contato entre o GT Memória e o CMUrb, favorecendo a implementação do arquivo digital de forma sistematizada a partir das contribuições e experiências acumuladas no Centro. Desde então, com o desenrolar das atividades da gestão 2024-2026 da ABHO e do GT Memória, a constituição de plataforma on-line com arquivo digital reunindo materiais relativos às atividades e à memória da ABHO, por meio do trabalho do CMUrb, passou a ter o objetivo de reunir, recolher, sistematizar e disponibilizar reproduções de documentos e documentos nato-digitais produzidos pela Associação desde sua criação, em 1994, assim como outros itens relacionados ao tema da história oral no Brasil, sua história, seus diversos programas, pesquisadores, grupos, debates etc.

Com a institucionalização do Acervo Memória da História Oral no Brasil como parte do CMUrb, os projetos descritivos definindo e parametrizando campos de metadados e descritores utilizados pelo centro serviram como base para o início do processamento do acervo. Além disso, pelo fato de o acervo ter nascido como resultado da mobilização de pesquisadores em um grupo de trabalho da Associação, foi preservada a proposta de que deveria ser construído a partir de doações voluntárias de praticantes da história oral no Brasil. Outro objetivo da política de acervo é arquivar documentos nato-digitais produzidos nos anos mais recentes de atividades da ABHO e como resultado de seus encontros nacionais e regionais. Dessa forma, nesse conjunto de documentos existem materiais que precisam ser salvos digitalmente a partir de sites de eventos já realizados e também dos subdomínios do site da Associação de forma que sejam preservados e disponibilizados para consulta futura. Vale destacar que a presença de suportes hoje obsoletos, como CD-ROMs e DVDs, introduz o desafio da preservação digital e da acessibilidade aos materiais nato-digitais produzidos em razão das diferentes atividades da Associação.

Além das atividades coordenadas realizadas pelo GT Memória, outras iniciativas de composição e exibição de acervos de memória da ABHO foram organizadas e implementadas no período anterior ao trigésimo aniversário da Associação, sendo que um livro comemorativo e de proposição sobre os rumos da entidade coletiva também foi planejado para publicação em 2024 (Ferreira; Santhiago, 2024; Franco, 2025). Entre essas atividades, a presidência 2022-2024 e a organização do XVII Encontro Nacional de História Oral – sob responsabilidade de Fernando Sossai – recolheram materiais entre os associados para a realização de uma exposição durante o encontro nacional, em Joinville (SC). Na ocasião foram apresentados o livro de atas, fotografias e edições impressas da revista *História Oral*, por exemplo.

Entre os principais aportes documentais disponibilizados para constituição do acervo Memória da História Oral no Brasil, já sob a guarda do CMUrb, está o conjunto de documentos físicos e reproduções digitais doados pelo pesquisador Ricardo Santhiago como parte de suas atividades no GT Memória. Em decorrência de suas pesquisas sobre a história da história oral no Brasil (Santhiago, 2013), o pesquisador já havia reunido inúmeros documentos físicos, nato-digitais e digitalizações que registram e acompanham a história da Associação ou que foram resultado das atividades de seus associados ao longo dos anos. Entre os documentos desse primeiro aporte estão cópias e digitalizações de fôlderes, anais de encontros, cadernos de resumos e cadernos de programação de eventos da ABHO realizados pelo menos desde o início da década de 2000. Constam também algumas edições do *Boletim História Oral* e alguns CD-

ROM com gravações de mesas e anais de encontros nacionais. Como parte desses materiais já se encontravam digitalizados foram os escolhidos para a composição e prototipagem das coleções e metadados do acervo no Tainacan.

De forma a organizar o acervo, foram estabelecidas catorze coleções iniciais para cadastramento de itens (Quadro 1). Em todas as coleções foi aplicada a mesma estrutura de metadados, com seções de cadastro³, indicação de autoria, responsabilidade e demais itens de tipologia, assim como de contextualização e registro de descritores onomásticos, topográficos e bibliográficos.

Quadro 1: Coleções do Arquivo Histórico Digital da Associação Brasileira de História Oral - 2025

COLEÇÃO	DESCRIÇÃO
Documentos administrativos	Documentos relacionados à fundação e gestão administrativa da Associação Brasileira de História Oral.
Comunicação institucional	Documentos relacionados ao contato entre a gestão da Associação e seus associados, ou entre a gestão e públicos externos, ou entre os associados, que tenham sido produzidos institucionalmente.
Encontros Regionais Sudeste de História Oral	Documentos relacionados aos encontros bianuais realizados pela seção Sudeste da Associação Brasileira de História Oral.
Encontros Regionais Nordeste de História Oral	Documentos relacionados aos encontros bianuais realizados pela seção Nordeste da Associação Brasileira de História Oral.
Encontros Regionais Sul de História Oral	Documentos relacionados aos encontros bianuais realizados pela seção Sul da Associação Brasileira de História Oral.
Encontros Regionais Norte de História Oral	Documentos relacionados aos encontros bianuais realizados pela seção Norte da Associação Brasileira de História Oral.
Encontros Regionais Centro-Oeste de História Oral	Documentos relacionados aos encontros bianuais realizados pela seção Centro-Oeste da Associação Brasileira de História Oral.
Encontros Nacionais de História Oral	Documentos relacionados aos encontros nacionais, realizados pela direção nacional da Associação Brasileira de História Oral bianualmente.
Núcleos, Laboratórios e Centros de Pesquisa	Documentos relacionados aos diversos núcleos, laboratórios e centros de pesquisa que integram ou integraram a ABHO.
Repositório bibliográfico	Documentos publicados pela ABHO ou em decorrência das atividades de seus associados com objetivo acadêmico.
Ética em pesquisa em história oral	Documentos relacionados ao Grupo de Trabalho Ética em pesquisa da ABHO e aos debates de seus associados sobre este assunto.
Outros eventos	Documentos relativos a outros eventos relacionados à ABHO ou a seus colaboradores e/ou associados que tratem de história oral.
Conexões internacionais	Documentos relativos a contatos, relações e atividades da associação e de seus associados em âmbito internacional com diversas instituições.
Itens variados	Itens variados não contidos nos demais acervos.

Vejamos a seguir como alguns dos itens já cadastrados possibilitam refletir sobre práticas de história pública na trajetória da ABHO.

³ Para individualizar os itens do acervo, optamos pela criação de um metadado alfanumérico (ABHO seguido de sete algarismos sequenciais. Ex: ABHO0000001) desenvolvido especificamente para o Acervo Memória da História Oral no Brasil.

Itens do acervo para refletir sobre estratégias de comunicação e história pública

Para destacar e analisar itens do acervo, tomamos como ponto de partida a compreensão de que o conteúdo temático dos documentos só pode ser compreendido plenamente quando articulado às escolhas editoriais que possibilitaram sua materialização enquanto produtos comunicacionais, ou seja, às decisões sobre formato, público-alvo e objetivos da mensagem produzida. A tomada de decisão sobre esses elementos colabora na delimitação de circuitos comunicacionais distintos por meio dos quais essas produções da Associação circularão e colaborarão, ou não, com as intenções e objetivos específicos dos associados e de sua entidade coletiva. Assim, os itens do acervo indicados a seguir permitem refletir como, ao longo do tempo, diferentes estratégias de comunicação foram mobilizadas considerando, primeiro, finalidades específicas e próprias de seus contextos de origem; e, em segundo lugar, em articulação com o desenvolvimento e consolidação da própria história oral como campo de pesquisa no país.

Para orientar a reflexão, proponho uma categorização preliminar que agrupa os documentos analisados em três conjuntos: (1) produtos de eventos acadêmico-científicos da ABHO; (2) materiais de divulgação produzidos por programas, museus e projetos relacionados à prática da história oral; e (3) produções de comunicação institucional da própria Associação. Cada grupo resalta dimensões específicas da relação entre comunicação, práticas editoriais e possíveis aproximações com debates da história pública.

O primeiro conjunto agrupa materiais produzidos para ou em decorrência dos encontros nacionais e regionais da ABHO, como pôsteres, cadernos de programação, circulares, anais e outros documentos. Por meio desses itens podemos perceber estratégias de organização e publicização de atividades científicas, estruturando um circuito comunicacional intra-campo, direcionado principalmente a pesquisadores, estudantes e associados que participam dos eventos ou que necessitam dos registros sobre ele para produzir, incrementar ou difundir suas pesquisas.

Nesse sentido, a funcionalidade é o eixo central de agrupamento dessas produções, pois estão diretamente relacionadas a eventos que visam favorecer o desenvolvimento do campo científico da história oral. Em termos editoriais, essa escolha fica evidente pelo uso de destaques para as datas dos eventos, para os temas e a composição de mesas ou palestras, além da indicação de locais e instituições envolvidas ou financiadoras, por exemplo. No caso do pôster do Encontro Nacional de História Oral de 1994, com o tema “Documentação oral e

multidisciplinaridade”⁴, a ênfase recai na apresentação de uma programação centrada em temas fundamentais para os pesquisadores na época sobre o uso da metodologia na área de história e na construção de estratégias de legitimação institucional de seu uso – com o agendamento de um debate sobre a fundação de uma associação de história oral, por exemplo. Outros casos de produtos comunicacionais centrados na comunicação acadêmica que buscam favorecer o campo são o fôlder do III Encontro Nacional de História Oral⁵, ocorrido em 1996, e o do I Encontro Regional Sudeste de História Oral⁶, de 1995, além da capa do DVD do X Encontro Nacional de História Oral⁷, de 2010, que seguem a mesma lógica editorial voltada ao favorecimento da organização e do destaque às produções acadêmicas apresentadas nesse tipo de evento.

Um caso que podemos destacar para tensionar a delimitação proposta para esse grupo é a Primeira Circular de Organização do V Encontro Regional Norte⁸, de 2007. Embora o documento esteja centrado na estruturação e convite para a realização de um evento acadêmico, a circular explicita um público-alvo ampliado proposto para o encontro, incluindo profissionais de organizações não governamentais, movimentos sociais e professores da educação básica. A abertura a esses públicos demonstra uma preocupação de ampliar a diversidade dos grupos envolvidos no debate sobre história oral no país – indicando uma intenção pública, mesmo que em evento mais acadêmico.

A segunda categoria que podemos estabelecer para o conjunto de documentos cadastrados reúne itens que não foram produzidos diretamente pela ABHO, mas circulam em seu entorno, pois estão ligados à prática da história oral no país, principalmente em programas universitários de pesquisa e museus. Esses materiais apresentam as atividades desses grupos e buscam legitimar institucionalmente projetos que utilizam a metodologia da história oral com a divulgação de seus acervos de entrevistas, o que funciona como instrumento de divulgação científica para pessoas não relacionadas ao campo.

⁴ Notação ABHO0000006, disponível em: <https://arquivo.historiaoral.org.br/encontros-nacionais/folder-do-i-encontro-nacional-de-historia-oral/>. Acesso em: 10 dez. 2025.

⁵ Notação ABHO0000028, disponível em: <https://arquivo.historiaoral.org.br/encontros-nacionais/folder-do-iii-encontro-nacional-de-historia-oral-de-1996/>. Acesso em: 10 dez. 2025.

⁶ Notação ABHO0000009, disponível em: <https://arquivo.historiaoral.org.br/encontros-regionais-sudeste-de-historia-oral/folder-do-i-encontro-regional-de-historia-oral-sudeste-sul-de-1995/>. Acesso em: 10 dez. 2025.

⁷ Notação ABHO0000007, disponível em: <https://arquivo.historiaoral.org.br/encontros-nacionais/capa-do-dvd-do-x-encontro-nacional-de-historia-oral/>. Acesso em: 10 dez. 2025.

⁸ Notação ABHO0000010, disponível em: <https://arquivo.historiaoral.org.br/encontros-regionais-norte-de-historia-oral/primeira-circular-do-v-encontro-de-historia-oral-da-regiao-norte-de-2007/>. Acesso em: 10 dez. 2025.

O fôlder do Programa de História Oral da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)⁹ é um bom exemplo sobre esse tipo de material, pois apresenta uma definição da época, assinada por Daniel James, sobre o que é o trabalho com essa metodologia:

A História Oral é uma metodologia que “permite dar voz aos sem voz, àqueles que normalmente não entrariam no registro histórico”. Seu uso requer, no entanto, a cautela necessária para se “evitar o realismo ingênuo que pressupõe uma qualidade mimética às narrativas orais”

Além disso, este documento lista os acervos de depoimentos e as áreas temáticas das pesquisas desenvolvidas no programa da UFMG, reforçando sua finalidade de divulgação de atividades, pressupostos e interesses dentro dos campos de pesquisa da memória e da história. Esses documento permite observar como o Programa se apresenta publicamente e como seleciona informações para destacar sobre suas atividades.

O relatório das atividades do Departamento de História Oral do Museu da Imigração de São Paulo¹⁰, assim como a notícia sobre a campanha e o evento no dia internacional das histórias de vida, promovido pelo Museu da Pessoa e publicado na imprensa não especializada¹¹, registram o fato de que a metodologia da história oral e suas formas de realização precisam ser constantemente afirmadas em diferentes espaços comunicacionais para que seja diferenciada de outras formas de pesquisa ou da realização de entrevistas sem a finalidade de pesquisa, por exemplo.

O terceiro conjunto consiste em materiais produzidos diretamente pela Associação com o objetivo de estabelecer canais de comunicação com seus associados, como boletins impressos, newsletters digitais e cards de redes sociais. A análise dessas fontes revela como diferentes gestões da ABHO vêm articulando estratégias para reforçar a consolidação do campo de pesquisa institucionalmente e estruturar redes de colaboração.

No caso dos *Boletins História Oral*, publicados semestralmente entre 1995 e 1998, há uma exemplificação muito evidente dessa função¹². A primeira edição inclui seções como “Notícias das Regiões” e “Primeiros Associados”, mapeando redes de pesquisa e acervos temáticos em constituição por todo o país. Além disso, nessa publicação aparece um pedido de sugestões e incentivo à participação na criação de um logotipo para a Associação, ou seja, a

⁹ Notação ABHO0000004, disponível em: <https://arquivo.historiaoral.org.br/nucleos-laboratorios-e-centros-de-pesquisa/folder-do-programa-de-historia-oral-ufmg/>. Acesso em: 10 dez. 2025.

¹⁰ Notação ABHO0000002, disponível em: <https://arquivo.historiaoral.org.br/nucleos-laboratorios-e-centros-de-pesquisa/panfleto-do-museu-da-imigracao-de-sao-paulo/>. Acesso em: 10 dez. 2025.

¹¹ Notação ABHO0000019, disponível em: <https://arquivo.historiaoral.org.br/nucleos-laboratorios-e-centros-de-pesquisa/noticia-de-campanha-e-programacao-do-museu-da-pessoa-no-1o-dia-internacional-de-historias-de-vida-2008/>. Acesso em: 10 dez. 2025.

¹² Notações ABHO0000013, ABHO0000014, ABHO0000015, ABHO0000016, ABHO0000017 e ABHO0000018, disponíveis em: arquivo.historiaoral.org.br/comunicacao-institucional/. Acesso em: 10 dez. 2025.

havia uma busca por uma identidade visual que relacionasse o nome da ABHO com uma imagem de fácil reconhecimento. Já o quinto número do *Boletim*, de 1997, expõe o processo de debate e formalização de diretrizes éticas por meio de uma seção dedicada ao tema, demonstrando o processo de institucionalização do debate metodológico.

Os três conjuntos de documentos apresentados demonstram que as estratégias comunicacionais da ABHO foram, historicamente, dirigidas principalmente ao público acadêmico. No entanto, certos materiais – especialmente dos museus, de alguns programas de pesquisa e um único evento regional – apontam a existência pontual de propostas de interlocução ampliada. A análise dessas materialidades permite discutir com mais precisão as fronteiras entre comunicação acadêmica, divulgação científica e práticas de história pública, e problematizar as condições concretas de produção editorial que moldam essas distinções.

A distinção entre comunicação acadêmica – aquela que acontece de forma intra-campo científico – e divulgação científica – dirigida a públicos genéricos – é central para pensar os limites e as possibilidades de aproximação com a história pública. Essa diferenciação é importante pois cada escolha editorial implica modos distintos de interagir com públicos, de selecionar o que se torna visível e de definir quem participa do processo de construção do conhecimento. A partir dessa distinção, os três grupos de documentos analisados revelam tensões importantes para compreender como a trajetória da ABHO e a prática da história oral no Brasil se articulam (ou não) com práticas de história pública.

No caso da primeira categoria proposta, composta por produtos de eventos acadêmicos, a orientação comunicacional é sobretudo funcional e intra-campo. Ainda assim, certos documentos permitem tensionar essa caracterização. A Primeira Circular do V Encontro Regional Norte de História Oral, ao incluir explicitamente profissionais de organizações não governamentais, movimentos sociais, sindicatos e professores da educação básica como públicos-alvo do evento, mobiliza noções ampliadas de público que não costumam ser frequentadores óbvios de eventos acadêmicos no Brasil. Essa abertura deve ser interpretada como um gesto pontual, que expressa uma intenção pública ocasional sem necessariamente configurar história pública — que exige colaboração e não apenas transmissão? Ou indica que a prática da história oral sempre esteve articulada a agendas de intervenção e diálogo público, mesmo tendo operando predominantemente em circuitos acadêmicos? A resposta demanda análise mais aprofundada, mas o documento evidencia que a fronteira entre comunicação acadêmica e intenção pública não é totalmente estanque, o que já foi constatado na forma

subterrânea como a história oral de intenção pública (Santhiago, 2013) tem aparecido nas atividades do campo.

Se consideramos que a publicação de anais de eventos não pode ser incluída como uma prática de história pública – pois voltada ao próprio campo científico – evidenciamos como existe uma necessidade de delimitação de como essas esferas de atuação se desenvolvem. A sistematização de debates, como aparece no fôlder do Encontro de 1994 que anunciava a discussão sobre a criação da ABHO, cumpre uma função essencial no processo de consolidação institucional do campo. Trata-se de um tipo de prática comunicacional que colabora na organização de consensos, no estabelecimento de diretrizes de pesquisa e no fortalecimento de identidades coletivas antes que práticas de engajamento ampliado pudessem se desenvolver. Esse exemplo demonstra como a comunicação acadêmica, no caso dos itens destacados no acervo, foi mobilizada com o objetivo de consolidar um campo de pesquisas ao definir suas bases de funcionamento.

Quando abordamos o segundo conjunto de documentos, que reúne materiais de divulgação produzidos por programas e museus, o movimento é diferente. Esses documentos, embora também voltados à legitimação institucional, mobilizam uma linguagem marcada pela reivindicação de relevância social da metodologia. O fôlder do Programa de História Oral da UFMG, ao afirmar que a história oral “permite dar voz aos sem voz”, aciona repertórios discursivos próximos da cultura histórica e da intervenção social a partir do conhecimento histórico, debates centrais para a história pública. Nesse sentido, podemos questionar se essa retórica deve ser entendida como um recurso de divulgação e legitimação ou como parte de um movimento mais amplo de posicionamento da história oral na esfera pública. Ao tornarem seus acervos visíveis e explicitarem seus objetivos metodológicos nas publicações que produziram, esses programas e museus realizam um tipo de mediação que pode ser interpretada tanto como divulgação científica quanto como uma etapa necessária para práticas futuras de história pública? São gestos voltados ao público externo que, ao mesmo tempo, reforçam a expertise do campo e negociam sentidos sobre o que significa “fazer história oral” no Brasil?

O último conjunto de documentos apresentado concentra materiais de comunicação institucional da ABHO. Os *Boletins História Oral* exemplificam estratégias de consolidação do campo: mapeamento de redes, compartilhamento de acervos, debates sobre diretrizes éticas, definição de uma identidade visual. Essas práticas, essenciais para a sobrevivência e estruturação da Associação, podem ser classificadas como comunicação acadêmica interna ou como comunicação institucional voltada à manutenção do campo? Ou como as duas coisas?

Com relação ao debate da história pública, o ponto crucial é questionar se a forte ênfase na consolidação interna reforça uma tendência de marginalizar a comunicação com públicos externos ou se, ao contrário, a existência de diretrizes sólidas e de uma identidade institucional robusta constituem pré-requisito para que a história oral possa se engajar de maneira consistente em práticas colaborativas e participativas.

Essas questões sugerem que a trajetória comunicacional da ABHO não pode ser reduzida a uma oposição simples entre “comunicação interna” e “história pública”. Ao contrário, os documentos revelam gradações, tensões e sobreposições que exigem maior debate e desenvolvimento de precisão conceitual na reflexão sobre as práticas de história pública no Brasil. A compreensão dessas nuances é essencial para definir estratégias que articulem, de forma consciente, objetivos, públicos e formatos – sem confundir comunicação acadêmica com divulgação científica, e as duas com a história pública. O incremento de itens no Arquivo Histórico Digital da ABHO e o aprofundamento da análise do acervo poderá contribuir para evidenciar melhor essas fronteiras e, ao mesmo tempo, evidenciar zonas de contato em que práticas comunicacionais e intenções públicas se aproximam, se tensionam ou se transformam.

Considerações finais

A categorização preliminar que apresentei permite identificar três circuitos comunicacionais na trajetória da ABHO: produtos de eventos, voltados à funcionalidade e à comunicação intra-campo; materiais de programas e museus, que apresentam projetos e acervos e atuam como formas de divulgação científica; e, por fim, produções de comunicação institucional da própria Associação, que evidenciam como diferentes gestões estruturaram canais de informação. A análise preliminar do acervo indica que as formas de comunicação voltadas a públicos externos à academia aparecem com menor frequência nos documentos reunidos até o momento. Embora eventos e atividades culturais organizados mais recentemente tenham ampliado a interlocução com outros públicos, a maior parte do material reflete práticas comunicacionais intra-campo, voltadas especialmente para associados e pesquisadores.

Essa categorização evidencia um campo tensionado de intenções comunicativas que colabora na reflexão sobre o que constitui, ou não, uma prática de história pública. Ao analisar as decisões editoriais empreendidas ao longo da trajetória da Associação, desde a diagramação de um folder até a escolha do público-alvo de um evento, percebe-se que a fronteira entre a consolidação disciplinar e o engajamento público tem sido porosa, negociada e historicamente situada. Acreditamos que esta abordagem, centrada nas materialidades e nas escolhas de

comunicação, demonstra-se proveitosa para reflexões futuras sobre as relações entre história oral e história pública, pois permite identificar decisões e práticas que se materializam no cotidiano das atividades de pesquisa e construção do campo científica e de sua interação com diferentes públicos. Defender a análise das estratégias comunicacionais, portanto, é propor um método de investigação capaz de capturar processos editoriais – tomadas de decisão sutis – por meio dos quais um campo se projeta ou hesita no espaço público, oferecendo subsídios concretos para que a própria noção de história pública seja continuamente reinterrogada e resignificada a partir das práticas que a materializam.

Por fim, acreditamos que o Arquivo Histórico Digital da ABHO, ao registrar e salvaguardar memórias institucionais, constitui ferramenta fundamental para compreender as articulações entre história oral e história pública no país. À medida que o acervo se expande, novas possibilidades de análise poderão surgir, permitindo investigar como a comunidade de praticantes da história oral tem trabalhado para ampliar o diálogo e a construção de conhecimento com diferentes públicos.

Referências

Ferreira, Marieta de Moraes; Santhiago, Ricardo (org.). **O desafio do diálogo**: reflexões sobre história oral nos 30 anos da ABHO. Rio de Janeiro; São Paulo: FGV Editora; Letra e Voz, 2024.

Santhiago, Ricardo. **Método, metodologia, campo**: a trajetória intelectual e institucional da história oral no Brasil. 2013. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

Shopes, Linda. A evolução do relacionamento entre história oral e história pública. In: Mauad, Ana Maria; Almeida, Juniele Rabêlo; Santhiago, Ricardo (org.). **História pública no Brasil**: sentidos e itinerários. p. 71-84. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

FRANCO, Ulisses M. R. Passado e presente de uma história oral em relação. **Outros Tempos**: Pesquisa em Foco - História, [S. l.], v. 22, n. 40, p. 347–356, 2025. DOI: 10.18817/ot.v22i40.1300. Disponível em: https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uma/article/view/1300. Acesso em: 11 dez. 2025.